

## **Entrevista com Ashaninka Francisco Piyãko, uma das lideranças da Associação Ashaninka do Rio Amônia – APIWTXA**

Carolina Schneider Comandulli

A Associação Ashaninka do Rio Amônia – APIWTXA (“união”, em Ashaninka), foi oficialmente criada em 1993, um ano após a demarcação da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, no município de Marechal Thaumaturgo, Estado do Acre/Brasil. O povo Ashaninka encontra-se disperso entre o Brasil e o Peru, sendo que sua população chega a cerca de 100,000 pessoas. Hoje, aproximadamente 800 Ashaninka habitam a Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, que foi demarcada como resultado de uma luta da comunidade contra invasões de madeireiros na fronteira Brasil/Peru. Desde o reconhecimento da terra, os Ashaninka da Apiwtxa vêm se destacando no cenário regional, nacional e internacional, pelo êxito e exemplo em suas práticas de gestão territorial e ambiental e valorização cultural. Portadores de um sofisticado sistema de organização social e política, e de valores culturais e espirituais sólidos, a Apiwtxa tem sido inspiração para diversas instituições e muitas comunidades indígenas e não indígenas. Esta entrevista foi realizada com uma de suas lideranças, o Ashaninka Francisco Piyãko. As ilustrações são de Moisés Piyãko - atual presidente da Apiwtxa e líder espiritual - e foram produzidas no contexto dos trabalhos de elaboração da Enciclopédia da Floresta, co-editada pelos antropólogos Mauro William Barbosa de Almeida e Manuela Carneiro da Cunha.

*Conte um pouco sobre a luta dos Ashaninka do Rio Amônia pela demarcação.*

Sempre tivemos o entendimento de que cada etapa que a gente venceu na nossa caminhada, a primeira coisa que a gente tinha que vencer era acreditar que aquilo que a gente tava fazendo era verdadeiro mesmo. A partir do contato com o homem branco a gente sempre se deu muito mal. Os Ashaninka procuraram sempre fazer um contato a partir de trocas e fugindo muito, procurando ser bem reservado, não se expor muito. Quando vieram com esta conversa de terra indígena, a gente achava que era um golpe, que era uma mentira muito grande, porque a gente já tinha se acostumado com algumas pessoas que chegavam até nós e diziam que eram donos dessas terras. Eles eram bonzinhos para nós, chegavam trazendo aquelas coisas que a gente precisava para trocar. Foi uma coisa muito difícil para nós entender o que era direito, para nós termos uma terra, demorou muito pra gente acreditar nisso. Só que chegou uma hora que a gente não tinha mais pra onde sair, para onde fugir. A solução era arriscar e ver se era verdade mesmo, se essa terra um dia ia ser nossa. Muitos parentes Ashaninka nunca acreditavam. Foi muito difícil substituir os padrões por este momento novo, pois eles fizeram um movimento dizendo que a gente estava sendo enganado, que a gente ia ser vendido para os gringos, que essa era uma política dos estrangeiros, que a gente ia ficar sem nada, que eles iam tirar todos os brancos de dentro e depois eles iam dominar, pôr as igrejas, matar a gente. Diziam que iam soltar bomba em nós, que iam tirar nossa terra, tirar nossa cultura para vender para os gringos. Era um monte de história que eles faziam... eram os comunistas que estavam chegando. Aí muitos parentes não queriam, né? Então é isso que eu estou falando, que, às vezes, foi muito difícil foi vencer essa coisa, esse medo de assumir e de lutar pela terra. Mas depois a gente viu que a gente tinha que enfrentar mesmo, porque a gente estava sendo expulso, estava sendo invadido. As pessoas não tinham um pingão de respeito pela gente, a gente era só para ser mão de obra para os outros. Nunca nos falaram de direito. Cada um devia muito para eles. Então, isso é uma coisa que muita gente, às vezes, nem imagina. Isso foi muito

forte, foi muito difícil. Muitos parentes diziam para nós: - Ah, vocês vão, esse pessoal daí de fora vai enganar a gente, A gente nem conhece eles, é melhor a gente ficar com esse patrão mesmo que ele é mais próximo da gente.

Mas a gente começou a trabalhar pela própria terra. Eu acho que foi uma onda muito grande, um movimento muito grande. Nessa época, e, 1988, o movimento nacional teve uma conquista grande de leis e de direitos na Constituição. Eu acho que teve uma repercussão grande. Deu para dar visibilidade ao que estava acontecendo no resto do país e a gente começou a fazer parte deste movimento. E acho que, para aquela época, foi um processo até rápido na demarcação das terras, porque foi em oitenta e cinco praticamente o início de tudo, dos estudos... Em noventa e dois a gente demarcou a terra. Esse foi um processo que avançou bastante no sentido da afirmação da posição do povo Ashaninka com relação a isso. Mas eu acho que a gente ganhou uma confiança grande quando a gente enfrentou e começou a lutar mesmo pelo território quando vimos que os patrões estavam entrando com máquinas na nossa terra. Eles começaram a tirar madeira, derrubar todas as árvores que estavam em pé. Naquela época, aquele que chegava na terra e que derrubava era como se ele tivesse já sendo dono daquela região. Teve uns em 1984, 1985, 1986, que oitenta e quatro, oitenta e cinco, oitenta e seis, que tiraram um pouco com máquina. Mas aí os Camelli, a turma do Abrahão, que era outro patrão forte, botou todo mundo para derrubar madeira da nossa terra com máquinas. Então eles começaram a derrubar e levar quinhentas árvores de mogno.

*Com trator, o quê que era?*

Não, só na motosserra. Eles mandaram gente lá pra dentro para derrubar que era para garantir a sua. O Cameli entrou com máquina já tirando muita madeira, ficaram um verão todinho. Aí quando nós começamos a sentir e quando a gente viu que a justiça

brasileira, a Funai, na época, junto com o IBDF, começaram a ir para cima deles, aí eles recuaram, né? Os Cameli vieram para explorar uma outra região aqui, que era daqui até os limites a gente estava reivindicando na época. Nessa época aqui nada era assentamento do INCRA, tudo era área de seringal. Aí eles vieram para cá e esse dono do seringal dizia que era dono do Amônia. Então, parece que eles tiraram uma licença para vim retirar madeira desse seringal. Então eles entraram no rio para começar lá da terra indígena, para quando a polícia chegasse eles já estivessem fora dos limites que a gente estava reivindicando. Então eles entraram lá e ficaram poucos dias, não foi nem um mês. Aí a Funai chegou com a Polícia Federal, o IBAMA, porque nós denunciemos. A Funai viu e aí desceu para chamar a polícia. Quando a polícia chegou, eles tinham acabado de sair. No mesmo dia eles saíram da terra indígena, eles sabiam até onde estava sendo reivindicado. Ali eles encostaram as máquinas, as balsas, os tratores, bem onde era o limite reivindicado. Eles acabaram de soltar as balsas e a polícia chegou. Só estava dentro da terra a madeira. O maquinário estava todo fora. E eu acho que aí foi quando o povo Ashaninka mostrou na região que ia ser dono da terra, que tinha o direito mesmo à terra.

Aí, tanto os Ashaninka começaram a ter mais confiança, como também os próprios moradores daqui, porque antes eles diziam que quem mandava eram os Camelli. Eles chegavam e compravam tudo, a lei era eles. A gente tirar eles de dentro tinha uma coisa muito forte por trás: era o Estado brasileiro. Aí eles desceram e continuaram o trajeto deles.... vieram para área que era o seringal e tiraram muito mais que quarenta mil metros cúbicos de madeira. Então eles continuaram com o projeto deles e tiraram toda a madeira em dois anos. Eles tiraram até no Peru e do lado de trás de Thaumaturgo. Então todo o pessoal daqui ficava trabalhando para eles, derrubando. Depois disso a gente começou a se mexer mais. Aí saiu a delimitação da terra e começamos a trabalhar, a Funai vinha e fazia as discussões... Aí fomos lutar para

demarcar. Aí a gente tinha certeza que a terra ia ser nossa. Mas tinha uma outra questão, que era: - Como é que a gente vai viver aqui?

Depois que saísse todo mundo, eles diziam, depois que se fosse demarcado uma terra indígena, nós não íamos poder andar para cá [Thaumaturgo]. Íamos ter que ficar lá. Então começaram a fazer outro terror de novo, uma confusão dentro das comunidades indígenas. Aí, muito Ashaninka dizia: - Não, não sou eu que tô fazendo isso.... Só para poder andar para cá. Aí negava, dizia que ele não queria terra não, que era só a liderança mesmo que estava querendo.

*Eles tinham medo, né?*

Sim, tinham medo. Aí foi difícil de novo.

*E era perigoso para vocês, não é?*

Era sim. Aí quando demarcamos a terra dissemos para todo mundo que tínhamos que trabalhar para organizar o nosso projeto de vida dentro da nossa comunidade.

*Como vocês percebem o impacto da demarcação da terra sobre a qualidade de vida da comunidade da Apiwtxa?*

É muito grande. Eu acho que rapidinho a gente percebeu isto. A primeira coisa que a gente viu era que a gente estava ficando pobre, pobre demais, além de estar perdendo os nossos conhecimentos e não ser mais valorizado mais. Isso era parte do processo que a gente vivia, que tinha que apagar essa identidade. Todo mundo tinha que virar branco e negro. Então, por mais que a gente fosse forte, por mais, a gente tinha um medo muito

grande de assumir essa identidade por conta da pressão que era muito grande. A gente não podia morar em aldeia, a gente tinha que morar meio escondido. Então, isso foi uma mudança muito grande, porque parece que as famílias se soltaram depois que saiu a demarcação, se viram livres para trazer tudo de volta, aquilo que estava guardado. Veio um apelo muito forte para a questão da cultura. Pouca gente tinha tempo de fazer festa de *piyarentsi*, o *kamarãpi*. Era só aquela chaminha mesmo de fogo, a brasinha mesmo, né? Então, esse processo foi muito forte, mudou muito rápido, e a gente cresceu muito em cima disso, do artesanato... A outra coisa importante que mudou foi que deixou de ter os caçadores profissionais para vender as caças, para pegar os tracajás, para pegar os peixes. Antes, os que vinham de fora caçavam e levavam. Quando eles pararam de tirar essas coisas e a gente começou a cuidar da terra eles passaram a voltar rápido. Então, tudo começou a ter. Era como se você dividisse uma área de terra, como ela é, do tamanho que ela é, com três vezes mais a população que tinha, entendeu? Eram muitas as famílias que tinham aqui dentro. Quando saiu o pessoal, parece que a floresta, os animais, todo tiveram muita força para recompor, entendeu? Porque aquele consumo que era grande, aquela destruição que era feita, parou de ter, e os Ashaninka foram tirando só o necessário. Então, tudo isso recuperou muito rápido. A gente começou a ter o tempo que precisava para cuidar das plantações, diversificar, buscar e recuperar os recursos que faltavam. Antes, mudando de um canto para o outro, às vezes ia perdendo as sementes, perdendo as espécies, ia ficando muito pouco, entendeu? Você não podia carregar tudo... Então, nós tivemos tudo isso de volta. Foi uma coisa muito rápida. Dentro de quatro, cinco anos, a gente passou a ter uma vida totalmente rica. Porque antes nós dependíamos dos patrões para o abastecimento. Nós não tínhamos quase espaço para caçar e a gente tinha que trabalhar muito. A gente não sabia o quanto que custavam as coisas. Então, a gente fazia na base da troca. Nós não conhecíamos a escrita, nem peso, nem medida para fazer negócio. Então, era objeto por objeto, era uma árvore

de mogno, era uma caça por um quilo de sal, por coisa assim. Era igual de quando a gente vê as pessoas sendo destruídas pelos bolsa família, por coisas que às vezes não ajuda, mas empobrece. A gente pensa que está melhorando, que está ganhando, mas está perdendo. A demarcação foi uma recuada para dentro do nosso mundo e a floresta ao nosso encontro, trazendo tudo de volta. Aí nós passamos a tomar um fôlego muito grande e com isso percebemos que a saída das dificuldades era retomar para o nosso mundo e cuidar da nossa terra. Foi um impacto muito grande para nós.

*Quais foram os principais projetos comunitários que foram desenvolvidos pela Apiwtxa desde a demarcação?*

A gente viu que a gente tinha que manter uma linha de trabalho, um modelo, uma forma de viver, que não estava dialogando muito com o que o entorno estava oferecendo e querendo negociar e trocar com a gente. Aí a gente se afastou um pouco e definimos trabalhar apenas com alguns itens de produtos de fora que eram importantes para nossa comunidade. Isso deu uma melhorada porque passamos a alimentar nosso sistema de troca com coisas bem definidas. Aí fomos também procurando organizar o artesanato como um caminho, um fortalecimento da nossa identidade, um resgate dos nossos conhecimentos, trabalhando para nessa relação de troca a gente pudesse estar mandando uma mensagem, apresentando a nossa cultura, a nossa arte. Aí passamos a ter um público que comprava para ajudar o nosso projeto. Então, como a gente precisava de pouco, isso ia suprimindo a nossa necessidade. Isso foi um projeto importante. Outro foi buscar parceiros que tivessem trabalhando na linha da questão ambiental, questão dos povos indígenas, como a própria Funai e ONGs que estavam se colocando para ajudar, para trabalhar a proteção do território, para trabalhar o fortalecimento do povo Ashaninka e para trabalhar a recuperação de áreas. E foram nos

apoiando para a gente discutir a implementação dos nossos direitos, porque às vezes o direito está no papel, mas na prática as coisas não mudam, não acontecem. Então, começamos a trabalhar muito para poder fazer com que os nossos direitos fossem cumpridos. Não foi fácil. Trabalhamos primeiro a parte interna de organização, da definição daquilo que a gente queria fazer, estudando as formas de se relacionar, procurando não ser dependente, procurando fazer os projetos que fossem para fortalecer a nossa autonomia, procurando compreender o intercâmbio como algo muito importante. Tivemos muitos projetos que foram de formação. Tivemos muitas oportunidades. Nós não queríamos ficar na dependência, então a gente trabalhou muito com o intercâmbio, para procurar encontrar respostas para as nossas dificuldades. Nossos projetos não mudaram muito até hoje. Se você olhar, eles evoluíram, mas não mudaram a linha. Continuamos trabalhando na proteção do território, continuamos trabalhando no fortalecimento da cultura, na diversificação do alimento, no manejo dos recursos naturais, discutindo nossa autonomia e nosso fortalecimento. Discutindo os direitos, né? Para que os direitos sejam respeitados. Então, não mudou muita coisa. Acho que uma coisa importante foi que nesse período todo esse trabalho firmou o nome Ashaninka. Firmamos o povo Ashaninka como um povo forte, guerreiro, lutador, com uma história, com um objetivo muito claro, voltado nas suas obrigações e também preocupado em não depender de fora. Até hoje você vê que a gente tem processos sem fugir do mesmo objetivo e a gente tem alcançado uma escala maior por conta da ampliação do espaço de trabalho. Eu acho que se abriu muito espaço para debater dentro de uma estratégia de fortalecimento e proteção do povo Ashaninka.

*Carolina: E qual o papel da Associação? Porque a Associação foi criada logo após a demarcação, em 1993.*



Criamos a Cooperativa bem antes da Associação. A gente vinha trabalhando com a Cooperativa como um caminho, um instrumento para dialogar, para filtrar a relação da comunidade com o patrão, com o mercado externo, e trabalhar o artesanato como produto, desenvolvendo, criando, abrindo portas, levando e divulgando nosso trabalho. A Associação veio quando foi criada a terra indígena. Nós pensamos em criar um instrumento jurídico para poder se relacionar também com os parceiros, com uma ONG, com o governo, no sentido de firmar convênios para projetos, receber recursos e administrar, para atender a necessidade que a gente tinha. Se a gente não criasse uma Associação naquele momento, os apoiadores não iam querer botar dinheiro em espécie na mão de outra pessoa ou teria que ter todo um processo que garantisse um investimento para o coletivo. Então, a gente criou a Associação por essa necessidade, de ter um processo organizado, transparente, pensando no coletivo, e não fortalecer o indivíduo. Por isso que a Cooperativa para nós é um instrumento. Ela não é a coisa maior. Antes de criar a terra indígena, ela já existia. Foi a forma de ir se desvinculando, se fortalecendo. Foi em 2003 que ela se constituiu formalmente. Já foi em um outro momento, de formalizar um processo, de forma que a gente também pudesse fazer negócios, pudesse prestar contas para outro estado, porque começou a ter uma exigência de venda que teria que ter uma movimentação de dinheiro que a gente precisava declarar, então estas coisas todas começaram. Se você olha hoje a Associação e a Cooperativa são dois braços para operacionalizar as demandas que a comunidade tem. Elas são importantes por isso, mas não estão acima da comunidade.

*Você poderia falar sobre o processo de construção e sobre a importância do plano de gestão territorial e ambiental para a Terra Indígena Kampa do Rio Amônia.*

Olha, eu considero que hoje o plano de gestão e o etnozoneamento que nós fizemos são instrumentos que reúnem um pouco a intenção que nós tínhamos há muito e que já vínhamos discutindo. Desde antes de demarcar terra a gente já tinha uma visão de território, né? Como usar o território, como ocupar o território. Quando nós demarcamos a terra foi ficando cada vez mais clara a necessidade da gente se organizar e pensar uma forma sustentável dentro desse território. Então, hoje ele é uma espécie de um registro, é um instrumento, uma ferramenta para orientar, para medir a evolução do nosso trabalho, o impacto do nosso trabalho, nosso processo político de gestão deste território e ocupação. Por isso a gente se preocupa com onde é que a gente vai botar uma casa, se ela não vai afetar, se ela não vai mexer com onde a gente vai caçar. A gente tinha uma estratégia que era muito mental, não estava em um mapa, não estava registrada. O Plano é uma ferramenta importante que vai orientando, que a gente vai aperfeiçoando a cada momento que vê a necessidade. O mais importante que está por trás disso é uma lógica de gestão, uma forma de pensar a sustentabilidade do território, medir onde está ficando mais pobre, onde dá pra tirar, onde deve ser manejado, quanto, como e onde recuperar. São medidas que a gente faz através desse olhar, né? Então, eu acho que o plano de gestão é um instrumento bem para dentro, para a gente poder organizar melhor o uso do território.

*Na atualidade, a Apiwtxa vem buscando ampliar o escopo dos projetos para beneficiar também comunidades do entorno da Terra Indígena, na região do Alto Juruá, bem como comunidades Ashaninka no Peru. Qual a motivação para isso?*

Nós precisamos que a nossa experiência seja discutida com outras comunidades, seja Ashaninka, não Ashaninka, ribeirinho, extrativista, com população urbana, qualquer um. Nós compreendemos que o que a gente está fazendo é muito importante para nós e

se aplica numa região de floresta como esta, onde tem uma população que muitas vezes por falta de clareza ou de uma organização que ajude a fazer o debate está se destruindo, vendendo tudo que tem, trocando tudo que tem, e acaba se transformando, mudando o jeito de ser, e quer copiar outros modelos de vida e vai abandonando seus conhecimentos, né? E, às vezes, o que eles trazem de fora, de conhecimento de fora, é autodestrutivo e finda afetando diretamente a sua forma de vida, e vão ficando cada vez mais vulneráveis. A gente percebe isso. Então, nós temos trabalhado muito para mostrar que há de uma maneira mais simples de fazer, que além de ser mais simples é mais sustentável, mais segura e mais aplicável para nossa realidade de floresta. Não precisamos inventar coisas. As medidas aqui têm que ser outras, os valores têm que ser outros. A gente percebe que isso tem chamado atenção de muita gente aqui próximo, e fora do Brasil, em vários lugares onde a gente tem passado. Percebemos que o mundo quer uma resposta porque está caminhando para um abismo, um modelo de desenvolvimento que se baseia em cima do dinheiro. O poder está baseado em cima do poder de compra. Então a gente tem trabalhado para que mantenha essa outra forma. Esse nosso projeto não mudou em nenhum momento. Nós nos baseamos em cima de três, quatro pontos, estratégias que a gente montou, baseado em cima de um jeito de viver e estamos trabalhando para socializar, para ampliar, pra mostrar.

*Quais são essas ideias?*

Uma delas é que a terra é importante, a floresta com seus recursos, os nossos conhecimentos. Isso é a nossa vida, né? Não são muitas coisas. Não somos contra outros modelos de vida, mas o nosso modelo se aplica muito bem pra nós e tudo que a gente pega de fora é para fortalecer esse nosso jeito de ser. Eu acho que a ciência, a tecnologia mais avançada, muitas coisas, nós estamos usando: câmera fotográfica, GPS,

computadores, dinheiro. Estamos usando muita coisa lá de fora, mas para fortalecer essa lógica de desenvolvimento, que é se proteger, se defender, e estar cada vez mais seguro. Então é esse modelo que a gente tem debatido. Não adianta trazer para cá o petróleo, a pecuária, a monocultura, porque vai destruir, vai acabar com nós. Nós temos colocado essa posição muito clara e estamos trabalhando para que o entorno nosso também conheça e se acorde enquanto é tempo, porque eles acordando e estando forte também vão poder ajudar a proteger essa região. E nós estamos dentro dessa região e aí a gente ganha também com isto. E a gente não tem limite para isso. Para onde somos convidados, se for na Europa, em qualquer lugar do mundo, para mostrar esse projeto que a gente está fazendo, a gente vai. É como se a gente estivesse doando um pouco do que a gente conhece, do que a gente tem, na prática, que é a nossa vida para outras sociedades, para outros povos, porque se você olhar, o mundo todo que tinha um movimento nessa lógica capitalista, do dinheiro, de destruir, de transformar tudo em dinheiro, hoje está pagando um preço muito alto por isso. E nós sempre ficamos no nosso modelo de vida, na nossa forma de ser. Agora a gente vê que parece que o mundo precisa reconstruir, e está querendo investir, reaprender, refazer, redirecionar a política e fazer tudo diferente. Aí está uma guerra muito grande: uns lutando para não aquecer mais o globo e os outros que ainda continuam querendo aproveitar até o final. Não sei para onde vai levar, né? Estamos trabalhando no entorno, trabalhando com outras populações, entrando para outros territórios, é para querendo compartilhar, querendo envolver eles nesse contexto, fazer eles conhecer. No caso com do povo Ashaninka temos uma finalidade mais específica que é a de pensar com eles uma estratégia deles se fortalecerem para que o direito deles seja respeitado, os territórios; para que eles possam pensar também a proteção desses conhecimentos.

*Gostaria de saber um pouco qual a leitura de vocês da Apiwtxa sobre a atuação do movimento indígena no Brasil?*

Acho que teve um momento muito importante que foi o de lutar por direitos no qual o movimento se juntou sem ser uma instituição jurídica, sem um formato. Foi mais um movimento mesmo, com apoio de muitos parceiros, apoiadores, que fizeram os povos indígenas se mobilizarem para conquistar os territórios. Para isso foi importante. Outra pauta que eu também considero muito importante é a pós-demarcação das terras indígenas, a luta pela gestão territorial, que a gente vê ainda como uma agenda muito fraca dentro do país, mas é uma luta muito grande dos povos indígenas. E uma luta justa, porque não depende de uma organização indígena, mas depende de cada um cuidando do seu território. Essa soma de esforços e de vontade repercutiu a ponto de ser criada uma política nacional. Eu acho que o Estado Brasileiro errou muito também, e por isso que está sendo difícil implementar uma política dessas. Proteger os povos indígenas, criar as terras indígenas, assegurar os direitos dos povos indígenas na Constituição, foi ótimo. Mas ao fazer a política assistencialista que foi feita, de ficar em um discurso de que o Estado tem uma dívida com os povos indígenas - os missionários pregaram muito isso - esqueceram de preparar os povos indígenas para eles cuidarem de seus territórios, das suas riquezas culturais, da sua identidade. Esse processo assistencialista fez com que a própria Funai, que era um órgão oficial do governo, passasse distribuir coisas entre os povos indígenas. Esse foi um problema muito sério. Nós sofremos bem menos com isto, mas a gente vê que o Estado Brasileiro começou a botar arroz, macarrão, bolacha, açúcar...

*Dar as ferramentas, dar as sementes...*

É, cesta básica para os indígenas, durante décadas, gerações e gerações, que hoje estão trabalhando para sair, mas os grupos indígenas não têm nem culpa, pois foram educados e tratados dessa maneira. Ei acho que isso foi um prejuízo irreparável, porque têm muito grupos indígenas aí que estão quase extintos e vão acabar se extinguindo por conta da diabetes e de outros tipos de doenças causadas por esta mudança de hábitos alimentares. Esse foi um equívoco. Fazer o contato, forçado como foi feito, dizendo que estava protegendo. Tudo isso dentro de um contexto onde o Estado não tinha controle sobre as invasões, ocupações, então, era obrigado a trazer os índios para o contato, porque não tinha uma política de proteção dos territórios. Acho que têm muitos grupos indígenas que hoje ainda estão vindo do contato, como o pessoal lá do Maranhão, que quando eles vêm para o contato estão vindo para um contexto que ainda está sendo afetado por essa relação com o Estado. Eles ainda não estão ainda livres disso, tanto é que os Awa-Guajá, as famílias que fizeram o contato há pouco tempo, estão saindo para rua e estão se transformando. Eles caíram, entraram em um lugar onde ainda não estavam preparados para lidar com eles. Eu ainda não sei como que vai ficar aqui no Acre, né? Tem uma preocupação muito grande de proteção. Mas eu não sei. Eu não sei, não conheço, não sei como é que eles vão tratar eles num contexto local. Porque aqui é um contexto de bem menos dependência. O Estado [do Acre] é menos atuante com esta política aqui e pode ser que a gente já tenha até uma condição melhor de receber os parentes de recente contato. Mas eu acho que o Estado errou em vários momentos na relação com os povos indígenas. E com isto criava uma resistência, um preconceito. Não preparou a sociedade para compreender os povos indígenas, para que eles pudessem ver os povos indígenas como pessoas de bem. Sempre foram fazer o serviço de proteção isolando, dando, criando ao mesmo tempo uma resistência, um espaço em que os índios foram vistos como um problema para o desenvolvimento. Acho que a educação do país não conseguiu trabalhar isto. Então os povos indígenas sofrem muito preconceito por

conta disso, porque eles não foram tratados como capazes. Foram tratados sempre como dependentes do Estado. Tem muita gente que diz assim: - Ah, os índios, se o Estado deixar de pagar, eles morrem de fome.

E é comum isso. Foi passada essa imagem. Em alguns casos, onde a mídia pode mostrar, mostra assim a história. Então, eu estou colocando isso porque eu acredito que o movimento indígena sofre a consequência disso. É muito difícil hoje você constituir um movimento que vai representar os povos indígenas. Acho que têm algumas pautas nas quais os povos indígenas estão juntos. Agora, na prática, é muito difícil você ter uma representatividade. Para lutar por terra indígena, em todo canto a gente está junto. Pela proteção do território indígena, em todo canto a gente está junto. Tem algumas coisas em que a gente está junto, como para defender o direito. Mas do ponto de vista da gestão territorial, do desenvolvimento de uma comunidade, não existe uma organização, hoje, representativa, porque elas não conseguem. Nem as organizações indígenas conseguem chegar até as comunidades indígenas, nem as comunidades indígenas chegam até elas. E, às vezes, esse movimento que é feito, no âmbito mais regional ou nacional, é composto por pessoas que viveram a sua vida toda fora das suas comunidades, com muito pouca relação com as suas comunidades, que lutam para sobreviver também. Então, acima de tudo está a luta pela sobrevivência dessas pessoas lá fora, que aí vivem de doação. Alguém tem que pagar esse custo. E aí é que fica muitas vezes a dificuldade de se manter, manter um escritório funcionando, porque ninguém quer financiar uma organização que está fora da comunidade, entendeu? Eles querem mais ajudar as comunidades. No nosso caso, nós não queremos intermediário. Nós queremos trabalhar direto com os apoiadores, entendeu? Seja uma ONG indigenista, seja uma organização indígena, nós temos que ter uma relação como parceiro, para nos ajudar e se ajudar para conquistar coisas. Mas queremos ter a nossa autonomia. Assim

foi a nossa postura sempre: de contribuir, mas ao mesmo tempo ser reservado para aquilo que é um direito nosso, de se organizar, de criar uma organização própria.

*Como seria um modelo ideal de representação indígena em nível nacional?*

Eu acho que quando a questão é defender os direitos dos povos indígenas já conquistados, nós reconhecemos que o movimento faz um papel importante para mobilizar. A gente já participou muitas vezes. Vai ter sempre a necessidade de ter esse movimento ativo. Mas, nós consideramos que se nós formos fazer somente isso, nós vamos ter um problema sério nas comunidades, porque vai ter um esvaziamento de debate, entendeu? Nós vamos ter uma comunidade enfraquecida também. Então você precisa saber fazer as duas coisas. Eu não posso investir o meu capital, o meu dinheiro, o que a gente luta, o que a gente faz, o que a gente consegue economizar aqui, no movimento indígena. É, por isso que o movimento é sempre bancado por alguma instituição. Não são as comunidades que bancam. Não tem como, porque o que a comunidade tem para oferecer é banana, é macaxeira, é uma caça, então a gente só vai até um certo limite. Você não tem dinheiro para bancar uma passagem, bancar uma ida para qualquer lugar. Então, o movimento sempre vai depender do apoio externo. Nós da Apiwtxa sempre nos colocamos que se a gente fizer um trabalho bem feito aqui, nós estaremos contribuindo com uma outra parte, com um detalhe dentro deste processo grande que é mostrar o que é possível, o que acontece numa comunidade indígena também. Acho que movimento precisa juntar um pouco essas duas pontas e não está conseguindo fazer isso porque o máximo que o movimento tem é o dinheiro para participar de um ato, de uma situação e tal. Mas o movimento não tem financiamento pra fazer esse link. Entendeu? E eu acho que é um trabalho a ser feito, a ser trabalhado, porque nós, o movimento, poderia carregar, agregar esse debate, outros conteúdos, a



não ser só o de cobrar direitos. Mas o que nós estamos fazendo? Isso fica muito pouco discutido, né? Não tem tempo nem recurso, porque estão num processo muito rápido de muitas coisas que estão ocorrendo, aí não tem estrutura para montar uma pauta.

*Na atualidade, há uma crítica muito forte por parte de setores da sociedade brasileira que se referem às terras indígenas como espaços improdutivos e como impedimento ao desenvolvimento.*

*Qual a opinião de vocês sobre isso?*

Eu acredito que o problema está no Estado Brasileiro, na gestão das políticas do Estado, nos órgãos de governo. Eles poderiam ter os povos indígenas como um orgulho para o país, como uma coisa a ser tratada que não se mede pelo quanto de milho que produz, de arroz que produz, mas sim que se mede pelo valor, pela importância que tem, da sua forma de vida, da sua forma de ser, que é um exemplo que o mundo inteiro está buscando. Quer corrigir erros gravíssimos que fizeram. Mas o país não tem uma política assim. Se você olhar, a própria Funai que é o órgão oficial é tratada com preconceito, dentro da própria estrutura de governo. É como se fosse uma ONG. É um movimento indígena tentando administrar uma situação. Os povos indígenas eram para estar colocados numa posição de que eles produzem muito mais para este país, dentro de um outro contexto e diferente de qualquer uma outra sociedade deste país. Isso já é da natureza dos povos indígenas: proteger as terras, proteger as áreas onde eles habitam com a sua forma de viver, e não ser colocado da maneira que estão colocados muitas vezes de que não produzem, de que são entraves para o desenvolvimento. Porque o país ainda não compreendeu, não aceitou, não vê os povos indígenas. Eu estava numa reunião e aí um índio falou que o homem da floresta muitas vezes tem um cachorro e esse cachorro é um cachorro muito caçador. O cachorro vai lá no mato com ele. O cachorro acua a caça, mata a caça e quando termina ele leva pra casa. Lá ele dá o fato da

caça paro cachorro, pra justificar. Chega em casa, ele come a carne e dá os ossos paro cachorro. Então, o Brasil, para falar de Amazônia, para falar de um país que cuida e que protege a sua diversidade, ele bota o índio na frente, a história indígena, bota a imagem indígena, fala um monte de coisas bonitas para convencer os outros países de financiar e de apoiar essa região. O Brasil sabe desse valor e de que para muitos financiamentos é preciso desse detalhe importante. O Brasil diz que está salvando os indígenas, está protegendo a floresta, está demarcando terra indígena, mas na hora que ele recebe a caça, ele trata o índio como o cachorro do caçador. Eu acho que o governo brasileiro ainda trata os índios assim. Não pela importância que ele tem, pelo valor que ele tem, mas ainda como uma moeda de troca para tirar alguns benefícios quando se fala de Amazônia, quando se fala de tradição, quando fala de diversidade. Existem pessoas e setores que tem vontade de fazer, que são ambientalistas, estudam a causa indígena, que lutam, mas não que o Estado Brasileiro tenha dentro da sua matriz, da sua base de desenvolvimento, o componente indígena. O componente indígena não é visto com a importância e com o valor que ele tem.

*Outra crítica comum veiculada nos meios de comunicação é a respeito do trabalho de organizações não-governamentais nacionais e internacionais em terras indígenas no Brasil (especialmente na Amônia), com o argumento de que elas estão buscando apenas atender a seus próprios interesses e/ou interesses de outros países. Qual a opinião de vocês sobre isso?*

Nós nunca tivemos problema com ONGs. Nunca nos sentimos ameaçados e sempre nos respeitaram muito bem. Acho que se não fosse pelo apoio das ONGs no início dos nossos trabalhos, nossa situação seria muito mais difícil. Eu lembro do tempo que a Polícia Federal impedia a gente de fazer reunião, porque achava que a gente estava se aliando com as ONGs para vender as nossas riquezas, a nossa floresta. Agora, os tempos

passam e é natural que as ONGs vão se moldando para cada momento. Elas vão se adequando, e não cabe mais para esse momento um mesmo formato da ONG que atuava aqui há trinta anos atrás. Mudou. Tanto o próprio Brasil começou a cuidar melhor das suas fronteiras, chegar mais perto das comunidades, quanto as próprias comunidades indígenas também passaram a entender melhor quem é brasileiro, quem é peruano, quem é americano. Isso já muda o cenário, entendeu? No nosso caso, sabemos até onde a ONG ajuda, até onde ela atrapalha. A gente tem muita autonomia pra dizer que não quer, aceita ou não aceita algo. Isso aí é uma escolha da gente. A gente não quer que a ONG sobreviva dos povos indígenas. Tem muita ONG que precisa mudar, porque iniciou um processo quando os indígenas estavam totalmente necessitando do serviço deles. A ONG tem que ir compreendendo esse processo de mudanças, de fortalecimento dessas comunidades. Ela vai ter que servir para atender outras necessidades que aquele povo tem. Se ela se mantiver numa única forma, chega uma hora que ela não serve mais. Ela vai atrapalhar o crescimento dos povos indígenas, o seu fortalecimento. Então, eu sou a favor de que enquanto as ONGs estiverem para prestar esse apoio aos povos indígenas pela necessidade dos povos indígenas, tudo bem. Agora, quando passar a fazer as coisas por uma necessidade de sobreviver, negociando e querendo viver representando os interesses dos povos indígenas, eu acho que aí ela já começa a atrapalhar. E nós não temos nenhuma ONG aqui que a gente dependa dela. Nós temos ONGs parceiras. Têm agendas que a gente está junto e nós vamos apontando quais são as necessidades que a gente tem. Assim é mais sadio o processo. A mesma coisa a gente tinha com os antropólogos. Antes os antropólogos chegavam, tiravam até o nome da aldeia, o nome nosso, chamava nós por outros nomes, batizavam, registravam, botavam o nome da terra indígena. Então, eu estou falando dos antropólogos que eu acho que tem muitos deles que ajuda, mas tem muito aí que precisa se atualizar. Eu acho que se as comunidades indígenas conseguirem perceber isso e estiverem preparadas para

dialogar com qualquer instância de governo, acho que elas não precisam falar alto. Não precisa expulsar ninguém, bater em ninguém, precisa só dialogar mesmo. Os nossos direitos que estão aí hoje, estão ameaçados de mudança. A gente tem muito medo disso, mas nós estamos preparados para ir para flecha também se for o caso. Se chegarem para invadir a nossa terra, não vai ter lei que vai obrigar a gente aceitar as coisas, não. Nós sabemos o que a gente quer, então, se quiserem acabar com nós, acaba, mas a gente está decidido pra isso.

*Considerando o histórico de luta e de sucesso na organização da Apiwtxa, qual o conselho que vocês dariam a outras comunidades indígenas que estão trabalhando na busca de sua autonomia (cultural, econômica e política)?*

Uma coisa que eu acho que tem atrapalhado muito os povos indígenas num plano mais local é a dificuldade que eles têm de entender o que que é direito e o que é dever. Não é? Porque, às vezes, você tem o direito, mas você quer usar de uma forma que você perde o direito. Às vezes você está abusando ou você está espantando e tirando as possibilidades do seu direito ser respeitado. Então, é preciso compreender muito bem direitos e deveres. Isso foi muito importante na nossa luta. Às vezes, o nosso dever sendo feito, os direitos são cumpridos. A gente sempre trabalhou para não ter desequilíbrio. A gente cuidar do nosso território é um exemplo. Para o Estado chegar e dar uma resposta dentro da nossa luta e nos apoiar, é preciso saber que nós estamos cuidando dele. Então, foi assim que sempre a gente conquistou. Porque se nós tivéssemos vendendo nossos recursos, destruindo, o Estado ia ter muita dificuldade de fazer a parte dele e talvez as consequências disso nós mesmo iríamos sofrer. A outra coisa que eu acho é que a gente precisa aprender muito com os outros também. Nós não podemos achar que a gente sabe tudo. Precisamos muito ter outras experiências, ver

outras formas, outros exemplos, para melhorar o que a gente é, o que a gente faz. Às vezes, a gente fica num mundo tão isolado ou, às vezes, você viaja e perde a oportunidade de ver outras coisas. É por isso que é importante ter lideranças muito bem preparadas quando saem das comunidades, porque acho que quase todas as lideranças viajaram, andaram já o mundo inteiro, em muitos lugares, mas, às vezes, vão muito pouco para casa, porque eles não estão preparados para representar, para ir buscar, para ir caçar as informações e trazer as coisas necessárias mesmo que o seu povo precisa. Às vezes, os representantes pegam as oportunidades para eles, e não para o seu povo. Então, a gente perde muito com isso. A comunidade perde muito quando uma liderança não tem um compromisso com a sua comunidade. Outra questão que eu acho que é fundamental é você trabalhar para fazer as coisas acontecer. Porque tem muitas situações que para fora você está falando coisas bonitas, você fica enganando as pessoas lá fora, prometendo coisas, falando de coisas que não existem; e esquece de fazer as coisas na prática. É muito melhor você fazer as coisas na prática, trabalhar e deixar as pessoas ver, do que você ficar vendendo o que não existe. Você tem que ser muito verdadeiro com as coisas. Porque tudo, tudo passa, né? Os povos indígenas precisam aprender muito um com outro também. Cada cultura indígena é uma riqueza muito grande. Eu acho que nós temos que ter bem claro que são dois mundos diferentes. Você tem que procurar compreender: no nosso caso, a gente tem o mundo Ashaninka. Tem todas as regras, tem as maneiras de ser, os domínios, as habilidades e tal. Mas não é porque a gente sabe tudo isso que a gente não precisa saber um pouco das coisas lá de fora também. Porque para você fazer o contato com o mundo lá de fora. Para você andar nesse mundo lá de fora, primeiro você precisa de alguns conhecimentos, você precisa levar alguma orientação. Você precisa saber ir e voltar, trazer, saber filtrar as coisas. Senão você se perde. E quando se fala em uma relação de negócio, você tem que saber que o benefício que você quer trazer lá de fora envolve custos, despesas... Isso precisa

estar bem claro, porque têm muitos que saem da sua casa para vir buscar um benefício, um salário na cidade, e gasta muito mais na viagem do que o benefício que ele pega onde ele vai buscar. Ele não sabe fazer esta diferença, então, isso é uma coisa que precisa acontecer. Não adianta você assumir um compromisso, assinar um contrato ou um empréstimo, ou um contrato aí em qualquer instituição, um projeto que você vai executar e você vai dizer: - Ah, eu sou índio, a matemática tem que ser diferente.

Isso não existe. Os índios têm que tirar essa ilusão da cabeça. A matemática vai ser sempre a mesma para você fechar as contas. Dois mais dois é quatro, mais dois é seis. Não adianta ir para fora. Mesma coisa que eu digo é você se formar em medicina dentro de uma aldeia. Você vai ter um conhecimento tradicional, você vai ter uma série de coisas, mas se você não tiver uma faculdade e passar por todo uma formação de médico para você poder fazer uma cirurgia, também não adianta. Não adianta botar eu para pilotar um avião, eu não vou saber fazer isso. Eu acho que, para eu pilotar um avião eu tenho que ser piloto de avião mesmo. Então, não dá para inventar as coisas. Eu acho que você tem que respeitar as coisas como elas são, saber trabalhar elas, saber conviver com elas de maneira muito honesta. Não venha dizer para mim que nós estamos com um contrato com o BNDES porque eu sou Ashaninka. Negativo! Tem que fazer as coisas direito. Se não, não vai. Os que fizeram contrato com a comunidade ou com a organização indígena e não cumpriram bem feito, porque não tinham o domínio ou a habilidade para fazer, estão enrolados até hoje. Então, acho que você tem que ter muita responsabilidade para dentro com seu povo, com os seus parceiros lá fora, ter muito claro o que você precisa lá de fora, para fortalecer o teu povo e trabalhar de uma maneira muito respeitosa com os outros conhecimentos, com os outros parceiros. Vai ter um monte de gente te oferecendo coisas que você também tem que ter a capacidade de dizer se aceita ou não. Então, tudo isso é possível. A gente quando trabalha sério vai identificando isso.



Fig. 1 - Troca



Fig. 2 – Tocaia





Fig. 3 – Gaviões

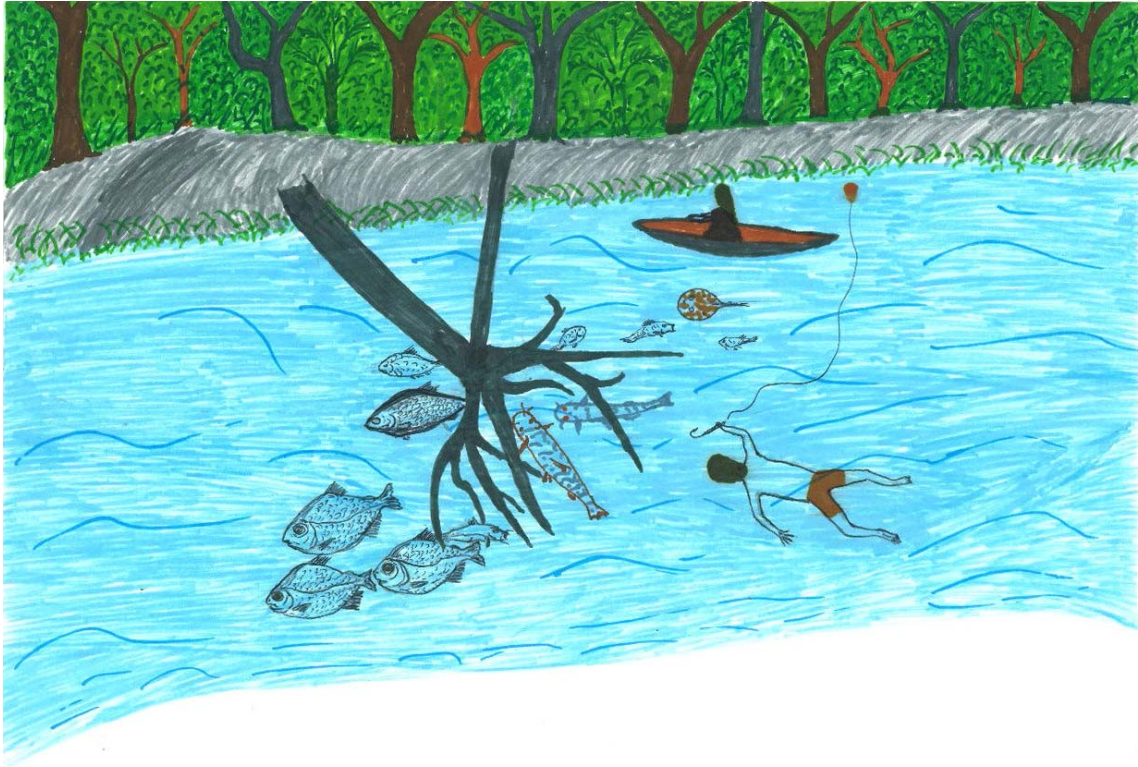


Fig. 4 – Pesca



Fig. 5 – Japós



Fig.6 - Pássaros